



➔ 38° 47'45.8"N 9° 05'38.2"W

## Jornada 2 | PELO ESTUÁRIO DO TEJO

Loures ➤ Vila Franca de Xira

Este segundo dia de viagem, decorre em territórios dos municípios de **Loures** e **Vila Franca de Xira**. Esta parte do Caminho inscreve-se num cenário marcado pela incomparável beleza da paisagem do **estuário do Tejo**, onde a água é povoada de mouchões ou pequenas ilhas e os afluentes e braços de rio formam os esteios que recortam as margens. Na frente ribeirinha, predominam as várzeas, onde se revelam os povoados e se mantem o ecossistema natural da variada fauna e flora tradicional. As encostas formam uma moldura natural, com oliveiras centenárias, onde se desenha o casario pontuado de antigas quintas e onde se erguem igrejas, ermidas e fontanários. Esta jornada tem troços exclusivamente pedonais e troços mistos.

O trajeto apresenta duas alternativas: um percurso através de sucessivos **passadiços ribeirinhos** junto à margem do Tejo ou uma **caminhada pelo interior**.



Se optar pelos **passadiços ribeirinhos**, atravesse a ponte pedonal sobre o rio Trancão e siga junto à margem do rio, num percurso com cerca de **28 km**, com uma duração aproximada de **7 horas**. Estes passadiços ribeirinhos por território dos municípios de Loures e de Vila Franca de Xira inserem-se em zonas de grande importância ecológica e ambiental (caniçal, juncal e sapal). Permitem a observação dos habitats e da moldura paisagística ímpar ao longo da linha de costa do estuário do rio Tejo. Contemplam ciclovias, zonas cobertas e plataformas de madeira com bancos para descanso que possibilitam ainda a prática da pesca artesanal. O **Percorso Ribeirinho de Loures** tem cerca de 6,1 km, atravessa Sacavém, Bobadela, São João da Talha e Santa Iria da Azóia. Segue-se o **Parque Linear Ribeirinho do Estuário do Tejo**, já no município de Vila Franca, com cerca de 20 km, terminando esta nossa segunda jornada no Jardim Constantino Palha, em Vila Franca de Xira.

Se preferir fazer a **caminhada pelo interior** do território, este itinerário corresponde a um percurso com cerca de **30 km**, com uma duração aproximada de **7 horas**. Comece no **Museu da Cerâmica de Sacavém**, que se dedica ao estudo e musealização da antiga Fábrica de Loiça de Sacavém bem como do património industrial desta região. Aqui poderá carimbar a sua Credencial do Peregrino.

➔ 38°56'14" N 9°0'1" W





**FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVÉM** | A história da produção cerâmica em Portugal no século XIX está profundamente ligada à existência da Fábrica de Loiça de Sacavém, criada em 1850 pelo industrial vidreiro Manuel Joaquim Afonso e instalada na Quinta da Aranha junto à Estação do Caminho de Ferro. Em 1863, foi vendida ao industrial britânico John Stott Howorth, que viera para Portugal para instalar as linhas de caminho de ferro. Naturalizou-se português e veio a ser agraciado com o título de Barão de Sacavém. A Real Fábrica modernizou o equipamento e atraiu artesãos. Foi um dos grandes centros de produção de cerâmica utilitária e de azulejaria em Portugal, com destaque para os grandes painéis da Estação de S. Bento no Porto. Teve projeção com encomendas internacionais. Manteve-se em funcionamento até 1983.

**MUSEU DE SACAVÉM** é hoje o equipamento que dá a conhecer esta relevante herança cultural. Instalado pela Câmara Municipal Loures e dedicado ao património industrial, é um exemplo da atual museografia. Distinguido com prémio internacional, preserva coleções de cerâmica e vasto espólio documental, que apresenta em espaços expositivos. Possui centro de documentação e serviços educativos com grande atividade junto de visitantes e escolas.

Perto, fica a **Igreja Matriz de Sacavém** que merece uma paragem. Pertence ao antigo conjunto conventual, dedicado a freiras da regra de Santa Clara, chamado **Convento de Nossa Senhora da Conceição dos Mártires e dos Milagres**. Aprecie a elegância e sobriedade da arquitetura maneirista, cujo claustro preserva painéis de azulejos de padrão dos séculos XVII e XVIII.

O Caminho prossegue, por vezes com troços mistos que integram estradas, vias locais e velhos caminhos de pé posto. Em marcha, fixamos o olhar na paisagem ribeirinha, de várzeas férteis, rica em património natural e construído.

A paisagem é composta pelas encostas dos rios **Tejo e Trancão** e das **ribeiras de Alpriate** e dos **Caniços**, onde emergem oliveiras centenárias. Nas baixas húmidas destes cursos de água, em terrenos de transição entre o meio aquático e o meio terrestre, subsistem as hortas e plantas que precisam de maior quantidade água.

Pela encosta que emoldura o cenário, vislumbram-se sinais da antiga ruralidade. Ao longo do percurso, pode deter-se na sua caminhada para observar núcleos tradicionais que pertenceram a antigas aldeias e memórias históricas das **quintas setecentistas**, com as suas árvores, muros e portões característicos.

Atravesse a ponte velha sobre o **rio Trancão**, siga o percurso sinalizado, também marcado em pormenor na cartografia disponível *online*, e prossiga junto à base da encosta. Entre árvores (freixos e tamargueiras), irá percorrer o dique que borda a margem esquerda do Trancão. Na meia-encosta, avista-se à distância, na margem esquerda do rio, a **Quinta da Malvasia** e, mais ao longe, entre olivais, na **aldeia de Unhos**, evidencia-se a torre seiscentista da **Igreja de São Silvestre**.

Avance ao longo da **Várzea do Trancão**, sempre com a encosta verde do território natural à sua direita.

Mais à frente, em **Granja de Alpriate**, pode interromper a caminhada para conhecer alguns aspetos deste património cultural. As primeiras referências à Granja, que viria a pertencer aos Templários e à Ordem de Cristo, surgem-nos no século XII, enquadradas num contexto de repovoamento do território.

Junto das margens verdejantes e férteis da **ribeira de Alpriate**, localiza-se a **Quinta do Brasileiro**, uma propriedade agrícola com a sua residência, remodelada e ampliada durante os séculos XVIII a XX. Chega-se à antiga **Quinta do Monteiro-Mor**, através da característica alameda. Aqui, apesar do estado de profunda degradação do edificado, poderá tomar contacto com a estrutura setecentista desta antiga quinta de recreio que evoca a interligação com a ribeira e o aglomerado. Na Granja pode também conhecer a elegante **Capela de São Sebastião**, com torre sineira e alpendre seiscentista com arcada tripla na fachada.

No núcleo urbano da antiga aldeia de **Alpriate**, cujo passado e herança se ligam com atividade piscatória, restam algumas barcas que se dedicam à captura de linguado, robalo e enguia. Na povoação, pode contar com algumas estruturas de apoio e fazer uma pausa. Prossiga até descer o dique, junto ao Vale da Figueira, conforme está sinalizado.

Em **Vialonga** (topónimo derivado da longa via romana que foi aberta no vale e que dava acesso a Olisipo, nome romano de Lisboa), poderá visitar, no centro da povoação: a **Capela de Santa Eulália**, de finais do séc. XIII e reformulada no XVIII; e a **Igreja matriz**, quinhentista, dedicada a Nossa Senhora da Assunção, com o interior revestido com talha seiscentista e azulejos do século XVIII que nararam as passagens mais importantes da vida da Virgem.

Sugere-se uma passagem por **Verdelho do Ruivo**, para ver a **Capela de Santo António**, na **Quinta do Caldas** que, no século XVI, pertenceu a Frei Bartolomeu dos Mártires. Nesta localidade podem ser visitadas (sempre mediante autorização prévia) diversas quintas e propriedades, fundadas por ordens religiosas e famílias nobilitadas, que representam exemplares característicos da arquitetura rural com valor histórico-cultural.

Ao sair de Vialonga, tome a direção de **Póvoa de Santa Iria**, atravessando a variante e continuando por uma estrada bordejada de oliveiras. Aproveite para visitar a **Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima**, da autoria do arquiteto José Bastos e inaugurada em 1956. De destacar, ainda, a **Quinta da Piedade**, um conjunto setecentista



constituído por Solar, Igreja dedicada a Nossa Senhora da Piedade, Ermida da Senhora da Piedade, Ermida do Senhor Morto e o Oratório de São Jerónimo, onde se encontram instalados equipamentos culturais.

O Caminho prossegue, com troços mistos e alguma fragmentação, situação corrente na envolvente de áreas urbanas. Dirigindo-se novamente ao **Estuário do Tejo**, depois de atravessar áreas das freguesias de Vialonga e da Póvoa de Santa Iria, chegará a **Forte da Casa**, atingindo novamente a margem do Tejo, depois de ultrapassar a linha do Caminho de Ferro. A paisagem é marcadamente aquática e os grandes **mouchões** (ilhas no estuário) já têm presença.



**ESTUÁRIO DO TEJO** é o amplo território aquático que liga este rio ao mar. À medida que se aproxima da foz, o Tejo alarga-se em extensão, ribeiras e braços de rio. Trata-se da maior zona húmida de Portugal, onde rio e mar interagem, e também do maior estuário da Europa. É composto por diversas áreas, entre as quais a designada por Mar da Palha. De elevado valor biológico e económico, é uma espécie de “grande mar” que se desenha entre as duas margens. Marca a história e a vida de uma parte significativa do território e das comunidades da área metropolitana de Lisboa.

**MOUCHÕES DO TEJO** são pequenas ilhas em pleno estuário, ocupadas por vegetação endógena, pastagens e terrenos húmidos, arenosos, argilosos e mistos. Devido à irrigação e de acordo com a extensão de cada mouchão, podem ser adequados ao cultivo da terra e tornar-se amplamente produtivos. Fazem parte da dinâmica associada ao equilíbrio e fragilidade do ecossistema em que se inserem. Por isso a sua manutenção e proteção são necessárias.

Nos Mouchões é possível observar belos exemplares de aves aquáticas, que encontram aqui um local ideal para repousarem e se alimentarem nos seus percursos de migração da Europa para a África Ocidental, designadamente Flamings, Garças, Patos, Alfaiates, Maçaricos e Pilritos que se alimentam nas lamas (vasas entre marés) e descansam nos principais habitats e povoamentos vegetais.

O Caminho continua para **Alverca do Ribatejo**, atravessando a zona de sapal. Em Alverca, pode visitar um importante núcleo do **Museu do Ar**, chegando ao local através da passagem pedonal sobre a linha do caminho-de-ferro. São ainda de destacar as **Salinas de Alverca e do Forte da Casa**, um sítio localizado na margem direita do Estuário do Tejo, composto por salinas e campos agrícolas e classificado como área importante para a preservação das aves. No centro histórico da vila, pode conhecer: a **Igreja Matriz** dedicada a São Pedro, de fundação árabe e reformada no século XVIII, a **Igreja dos Pastorinhos** (o primeiro templo dedicado aos pastorinhos de Fátima,





Francisco e Jacinta, e que possui o segundo maior carri-lhão da Europa), a **Igreja da Misericórdia**, construída no século XVII e o **Pelourinho** do século XVI em frente da antiga **Casa da Câmara**.

Retome o seu itinerário e percorra o **Caminho entre Alverca do Ribatejo e Vila Franca de Xira**, uma distância de 7,5 km, a percorrer em cerca 2 horas. Este é um percurso pedonal ao lado do rio Tejo, percorrido por muitos populares que passeiam a pé ou de bicicleta, fazem *jogging* ou piqueniques ou, simplesmente, descansam. O rio vive o bulício dos que praticam canoagem, vela e pesca desportiva. Sugerimos uma paragem em **Alhandra** para visitar a **Casa-Museu Dr. Sousa Martins**, que exhibe o acervo pessoal deste extraordinário reformador médico português que divulgou internacionalmente as medidas higienistas e preventivas de promoção da Saúde, bem como a **Capela de Nossa Senhora da Conceição** ou a **Igreja de Nossa Senhora da Guia**. Em **Alhandra**, pode ainda descansar ou partir à descoberta da imponente **Igreja Matriz**, de invocação a São João Baptista, fundada em 1558 pelo Cardeal D. Henrique.

A partir de **Alhandra**, o percurso segue pelo **Caminho Pedonal Ribeirinho**, sempre à beira rio. A paisagem é serena e límpida. Antes de chegar a **Vila Franca**, pode observar, à sua esquerda, para além do Caminho de Ferro, a **Quinta do Paraíso**, onde terá nascido Afonso de Albuquerque.

Ao longo da sua caminhada, pode fazer uma pausa na **Fábrica das Palavras**, a moderna biblioteca municipal. Aqui, os livros são tema para muitas e variadas atividades.

É um lugar de inspiração e beleza, mas também um ótimo local para estender o olhar sobre a paisagem envolvente.

No final desta segunda etapa ou jornada, a **cidade de Vila Franca de Xira** é local de acolhimento. Aqui encontra as infraestruturas necessárias para pernoitar e retemperar energias. O seu ponto de chegada é o aprazível **Jardim Municipal Constantino Palha**.

Entre na cidade e encontre a **Igreja Matriz**, seiscentista, de invocação de São Vicente. Bem perto, encontra ainda a **Igreja da Misericórdia** e o **Museu de Arte Sacra** que conserva um acervo de referência. Ao lado, no **Largo da Câmara**, surge um conjunto distinto da herança manuelina: o **Pelourinho** e a **Igreja de São Sebastião**, emoldurados pela **Casa da Câmara**.

Se o dia for longo, pode ainda dedicar o seu tempo a conhecer a história e a dinâmica cultural. Caso prefira descansar, também pode iniciar o dia seguinte com a descoberta da cidade.

**Vila Franca** nasceu na primeira tentativa de colonização daquela região por cruzados franceses no século XII. Foi Comenda da Ordem de Cristo e deve o seu nome à nacionalidade dos cruzados (francos) que auxiliaram os primeiros reis de Portugal na reconquista e povoamento do território e à mata que dominava naqueles terrenos incultos, a *cira*, ou *xira*. Afirmou-se como grande centro urbano da área metropolitana, sem perder a sua identidade como cidade ribeirinha ligada ao Tejo e à faina fluvial.



**BARCOS DO TEJO: PERCURSO FLUVIAL** | O rio Tejo é percorrido por cacilheiros, ferries, barcos, navios, embarcações desportivas e outras de cruzeiro. Todavia, nas povoações ribeirinhas das margens do estuário, permanecem ainda alguns exemplares de embarcações tradicionais, como Catraios, Canoas, Varinos, Trainearas (para a pesca de sardinha, sargo, badejo e espadarte) e barcos mais pequenos, para a captura de polvo e lulas. O barco varino “Liberdade”, uma das embarcações que fazia parte do tráfego fluvial de transporte de mercadorias, foi transformado em Núcleo Museológico do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Com os seus dezoito metros, quarenta toneladas, duas velas, proa alta e fundo chato, esta embarcação volta ao rio, nos meses de maio a outubro, para navegar nos baixios e dar a conhecer a paisagem natural da excepcional Reserva Natural do Estuário do Tejo, circulando por entre os mouchões que se avistam entre Vila Franca de Xira e Valada do Ribatejo.

**RESERVA NATURAL DO ESTUÁRIO DO TEJO** | é um espaço ambiental classificado e protegido que abrange território de municípios da margem sul (Alcochete, Benavente) e da margem norte (Vila Franca de Xira). A Reserva inclui águas estuarinas, campos envolventes, esteiros, mouchões, sapais, salinas e terrenos aluvionares agrícolas. Abriga espécies características, como o linguado, o robalo camarão-mouro, a lampreia, a enguia. No que respeita à avifauna, salienta-se o vasto número de espécies invernantes. São também abundantes a água pesqueira e os flamingos.

Merecem visita atenta o **Museu Municipal**, organizado em vários núcleos temáticos, e o **Museu do Neorrealismo**, instalado desde 2007 num edifício contemporâneo. Este último centra-se numa temática relevante para a história da cultura, da sociedade e das artes em Portugal no século XX. Possui importante documentação e um notável acervo de obras de arte, com especial interesse no que diz respeito à literatura e às artes plásticas.



Na zona ribeirinha pode conhecer ambiências tradicionais da antiga faina ribeirinha. A partir do cais de Vila Franca pode aceder-se a alguns mouchões.

Não deixe de visitar também a **Estação de Caminhos-de-Ferro** e o **Mercado Municipal**, cuja arquitetura é sublinhada pela qualidade artística dos **painéis de azulejos** que se distinguem pela temática e pela qualidade artística. Da autoria do pintor Jorge Colaço, os painéis da Estação do Caminho de Ferro, em azul e branco, evocam paisagens e cenas características da agricultura na Lezíria Ribatejana. A este ciclo temático pertencem também os painéis do **Mercado Municipal**, da autoria de Álvaro Pedro Gomes.

**AZULEJARIA: ARTE E HISTÓRIA**

A azulejaria é uma área relevante da produção artística portuguesa. Com origem na cerâmica mediterrânica e, em especial, por influência dos grandes centros de produção do sul da Península Ibérica no século XV, foi assumida como um verdadeiro suporte artístico de expressão nacional a partir do século XVI. Durante os séculos XVII e XVIII, os grandes conjuntos azulejares (nas tipologias de painel e de padrão), revestiram os sumptuosos interiores de igrejas e palácios, criando verdadeiros ambientes de estética barroca.

Os séculos XIX e XX permitiram um alargamento da produção com o desenvolvimento da produção semi-industrial e industrial, afirmando qualidades técnicas e estéticas amplamente desenvolvidas pela indústria nacional, para a qual foram chamados a participar pintores e ceramistas relevantes, como Jorge Colaço, Jorge Barradas ou Almada Negreiros.

O azulejo torna-se uma das principais artes no espaço público, revestindo e embelezando fachadas urbanas e edifícios públicos, tanto na modalidade de padrão estampilhado de génese industrial, como na tipologia de painel composto por grandes conjuntos temáticos, de carácter ilustrativo, pintado à mão.

Se dispuser de tempo e interesse para conhecer outros lugares deste município, nos arredores pode visitar as ruínas do antigo **Palácio Farrobo**, construído no século XIX pelo 1º conde de Farrobo, uma destacada figura ligada à cultura e que neste edifício criou um pequeno teatro, onde atuaram numerosas companhias de ópera italianas.

Nas imediações, pode deslocar-se à **aldeia de Povos**, que teve foral dado por D. Sancho I em 1195, certificando a importância estratégica do burgo e do seu castelo, erguido no alto do monte do **Senhor da Boa Morte**.

O **pelourinho manuelino**, que se ergue diante da antiga **Casa da Câmara**, no **Largo da Forca**, reafirma-nos o dinamismo do burgo, onde, perto do rio, foi construída, em 1729, a **Quinta da Real Fábrica dos Atanados**,

por João Mendes de Faria Barbosa, uma das importantes fábricas de curtumes que esteve em funcionamento até à década de 1940. O fervor devocional mantém-se vivo na Procissão do Senhor Jesus da Boa Morte que se realiza anualmente na quinta-feira da Ascensão, com um cortejo que sai da **Igreja da Nossa Senhora da Assunção** em direção ao **Santuário no Alto do Monte**. Bem perto, visite as ruínas do **Palácio dos Condes de Castanheira** e um conjunto de **sepulturas antropomórficas** escavadas na rocha.